

## **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

### **Sinhás, donas, mães, filhas e esposas: as mulheres no romance regionalista de José Lins do Rego**

Carla de Fátima Cordeiro

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”

Literatura regionalista; sociedade patriarcal; mulheres

ST 03 - As múltiplas faces da mulher rural no Brasil

A obra de José Lins do Rego (1901-1957) é notória por ter como elemento fundamental o memorialismo, as histórias se passam na zona açucareira do nordeste de tradições do século XVI, no momento em que a estrutura tradicional está se decompondo por causa de uma nova força econômica, a usina e o capitalismo moderno. Mais precisamente, nos engenhos do município de Pilar, na Paraíba. Seus livros, do qual fazem parte as obras *Menino de Engenho* (1932), *Bangüê* (1934), *Usina* (1936), que anos depois se acrescenta com *Fogo Morto*, publicado em 1943, descrevem o fim de uma era, a crise do patriarcalismo açucareiro no Nordeste, no momento em que se ressentia mais claramente a sua perda econômica e de prestígio.

É presença constante em suas obras, a nostalgia da infância e adolescência, o testemunho da tradição patriarcal, escravocrata e latifundiária, “íntimo orgulho da tradição, embora nos últimos reflexos de sua grandeza, e a imaginativa popular que ao mesmo tempo rebate o sentimento e os impulsos da alma coletiva, são assim os componentes essenciais da sua obra de ficcionista”<sup>1</sup>.

A obra de José Lins tenderá ao retrato da realidade social da década de 30, um documento do ponto de vista do narrador-neto do senhor de engenho, um narrador que percebe a derrocada da açucareira e sente a necessidade de lutar pela sua revalorização. Na perspectiva metodológica de Antonio Candido, apresentada no livro *Literatura e sociedade* (2002)<sup>2</sup>, para a compreensão de um fenômeno literário deve-se considerar a conjunção do conteúdo e forma na obra de arte para, desse modo, compreender a representação social no texto cujo condicionamento narrativo é constituído de fatores internos e externos, propomos a analisar as mulheres, ou seja, as representações femininas, pensando-as em relação à sociedade autoritária e patriarcalista na qual ambienta esses romances.

Considerando que a literatura pode exemplificar elementos da sociedade que o produziu, vemos que as mulheres são observadas pelo olhar masculino, seu lugar na sociedade, aproxima-se do branco pobre e da do negro, como demonstra o no diálogo: “Comadre, isto é conversa para homem. Negro e mulher não tem que se meter”<sup>3</sup>. A descrição dessas personagens se dão quase sempre no ambiente

privado, dificilmente há relatos destas em ambiente públicos, quando há um tom de desdém “A mulher do Dr. Joaquim Lins do Pau Amarelo deu para andar a cavalo que foi uma desgraça. Vivia em cima dum cavalo até que quebrou a perna numa. E morreu desta queda”<sup>4</sup>, citação que mostra o resultado de quem se atreve a envolver em um ambiente que não lhe pertence.

Como já afirmou Heloisa Toller Gomes (1981)<sup>5</sup>, a mulher surge como a que sofre as ações desencadeadas pelo homem, esse faz questão de mostrar sua suposta superioridade, diz Vitorino Carneiro da Cunha, um branco pobre livre que é protegido de José Paulino, o grande dono das terras diz: “Mas mulher só anda mesmo no chicote. Isto de tratar mulher a vela de libra, não é comigo”<sup>6</sup>. Segundo Gilberto Freyre (2003), um dos maiores interlocutores de José Lins e seu mentor intelectual afirma em *Casa Grande & Senzala* que as mulheres eram “criatura reprimida sexual e socialmente, dentro da sombra do pai e do marido”<sup>7</sup>.

Como características, nas obras de José Lins do ciclo da cana – de – açúcar, os personagens principais são masculinos, mas nunca desacompanhados da presença feminina: esposas, filhas, sogras, irmãs, cunhadas, agregadas, “escravas de estimação”, mulheres que depois da escravidão não deixam as casas de seus antigos donos, que dão o tom a vida cotidiana aos engenhos.

Principalmente nos períodos de prosperidade do engenho Santa Rosa, são narradas as atividades cotidianas, o caráter maternal dessas mulheres como de Tia Maria, “assumia a direção da casa - e todos iam conhecer a mansidão e a paz de uma regência de fada”<sup>8</sup>, o lugar delas dentro da vida casa-grande, mas sempre com a última palavra do temido patriarca José Paulino. Uma dessas mulheres é Dona Sinhazinha, idosa, “devolvida” pelo marido por causa de sua personalidade, cuidava da casa do patriarca, mandava na casa coordenando os serviços domésticos, como uma certa dose de sadismo: “como um tirano [...] As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel [...] Vivia a resmungar. A encontrar poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa”<sup>9</sup>.

Outro exemplo, ocorre no engenho Santa Fé, vizinho do engenho Santa Rosa, no período de sua fundação e prosperidade com o Capitão Tomas Cabral Mello, dá-se ênfase a vida caseira das mulheres, onde tocam piano, tocam, costuram, cozinham: D. Olívia ainda são andava “sem parar, da sala de visita para a cozinha, o dia inteiro”<sup>10</sup>, “pai de filha educada no Recife, com piano em casa, que falava francês, que bordava com mãos de anjo[...] A casa-grande do Santa Fé enchia-se da valsa triste da moça [...] harmonia tenra que a filha arrancava do teclado”<sup>11</sup>.

A iniciação e a violência sexual dos senhores com as escravas também é lembrada como Zefa Cajá, segundo o narrador “uma grande mundana dos cabras do eito”<sup>12</sup> e o caso mulata Maria Pia e sua

mãe, cujo acusado de ter “feito mal” a menina tinha sido um escravo, Chico Pereira, que foi duramente castigado, a mando de José Paulino, mesmo com o primeiro negando mediante tortura:

- Você vai jurar em cima deste livro santo como contará a verdade de tudo [...]

- Vamos, disse meu avô, com aquela voz de mando.

E a mulata com os olhos esbugalhados:

- Juro que foi o Dr. Juca [filho de José Paulino] que me fez mal.

O meu avô não deu uma palavra. Só fez dizer:

- Soltem o cabra [Chico Pereira].

[...]

Apenas no fim o velho José Paulino queixou-se:

- Não sei para que servem os estudos. A gente gasta um dinheirão, e eles voltam pra fazer besteiras desta ordem.<sup>13</sup>

Em um documento datado do séc XIX um frade beneditino, Loreto Couto, afirma:

[...] castidade, vergonha, recolhimento, pejo, encolhimento, sizudesa e modéstia foram sempre ‘o insigne distintivo das mulheres no Brasil’ [...] não negamos que sirvão [mulheres de cor] de tentação, mas esta guerra permite Deus no mundo para os vencedores merecerem a coroa da gloria.<sup>14</sup>

Tanto o trecho do livro como a citação acima, servem para mostrar, a vida de submissão dessas mulheres negras e mulatas tratadas como meros objetos para satisfação de desejos, tentação do “demônio” e a sua impotência frente a violência patriarcal. Enquanto as mulheres brancas, especialmente as da elite, pertencem ao ambiente privado a vida de recolhimento devotado ao lar, ou seja, aos filhos e ao marido.

A força da personalidade feminina é descrita pelo narrador em momentos de decadência, mais especificamente no livro *Fogo Morto* (1943), quando essas personagens ganham contornos significantes, dos quatro personagens de destaque no livro todos são homens, suas mulheres e filhas os acompanham rumo a decadência, não só econômica mas a decadência humana.

Sinhá, Adriana, Amélia e Mariquinha são as esposas dos brancos pobres José Amaro, Vitorino Carneiro da Cunha e dos donos de engenho Capitão Lula de Hollanda e Capitão Tomás, respectivamente, desses o primeiro se mata, o segundo e o terceiro ficam dementes e o último é considerado uma criança pela mulher devido ao seu comportamento quixotesco, ao qual Antonio Candido já se referiu no livro *Brigada Ligeira* (1992).

Apesar da diferença de classe social todas sofrem com e por causa de seus maridos e a indiferença deles em relação a elas: “Não queria para Amélia um marido assim [...] homem que só tinha corpo e alma para o trabalho”<sup>15</sup> (p. 205). São personagens sem reconhecimento: “Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta [...] Sinhá, sua mulher, era a culpada de tudo”<sup>16</sup>. Mesmo quando contribui ativamente para a ascensão social como Mariquinha: “mulher cansada, de pele

encardida de sol, de mãos grossas dos trabalhos da cozinha”<sup>17</sup>, Tomás manda as filhas estudarem no Recife para não serem que nem a mãe.

As mulheres também são fonte de prestígio social do homem, para conseguirem bons casamentos, quando não se consegue torna-se um problema sério: “O Capitão Tomas tinha uma magoa. Porque não casara sua filha mais velha. O que faltava para encontrar um marido na altura de seus merecimentos [...] a filha tocava piano como uma moça da praça, que lia livros bonitos [...] não se casava”<sup>18</sup>; José Amaro ressentia-se: “Era a sua família. Uma filha solteira, sem casamento em vista, sem noiva, sem vida de gente”<sup>19</sup>; Já Lula seu filho nascera morto, já sua filha Neném apesar de bonita “aqueles cabelos loiros e olhos azuis”<sup>20</sup> não arranjara casamento. O fato de suas filhas não se casarem traz a noção de um fim mais próximo, o fim de uma dinastia.

Segundo Heloisa Toller há “uma relação entre o familiar e o social, entre os dramas particulares e o colapso de uma classe, que se estende a toda uma civilização”<sup>21</sup>.

Ainda segundo essa autora já que a reprodução da dinastia é uma missão e essa não se realiza, a sexualidade se atrofia, e acaba sendo sublimada. As conseqüências da repressão feminina é fortemente assinalada no romance, que é o caso de Neném que como o próprio nome indica nunca amadurece e sofre com a adoração doentia do pai, Lula de Hollanda, e a loucura de Olívia e Marta segundo o narrador: “Falava as mesmas palavras, tudo para ela era como no tempo de sua infância [...]O mundo não andava para D. Olívia”<sup>22</sup>; “D. Olívia falava como se estivesse respondendo ao Capitão Tomas”<sup>23</sup>; “Marta, toda esquisita, com trinta anos, como se fosse uma menina”<sup>24</sup>.

Mas, a personalidade forte dessas mulheres se sobressai em alguns momentos. Quando Tomás fica doente e tempos depois morre que toma conta de seu engenho é sua mulher D. Mariquinha, com ela no comando do engenho a ordem se restaura. Adriana, mulher de Vitorino sustentava a casa, castrando e matando galinha, enquanto seu marido vivia fazendo campanha política. Amélia com o engenho a beira da falência e Lula demente toma conta do engenho e comenta “Deus a livrasse que Lula soubesse de uma coisa daquela [...] Um senhor de engenho sustentado pelo trabalho de sua mulher”<sup>25</sup>. Enquanto para os seus maridos o mundo estava acabado, ou estavam vivendo fora do mundo real, essas mulheres estavam tentando dar algum sentido ao que ainda restava.

Nesta breve análise das mulheres no romance de José Lins do Rego, obra do ficou conhecido como romance regionalista da década de 1930, livros que tinham como características o relato da realidade nordestina. Percebemos, os desafios dessas mulheres num mundo em que quem manda são os homens, que as consideram meros objetos de prestígio social, de satisfação sexual ou de utilidade doméstica. As que desafiam esse lugar não lhe é dado crédito, o que leva a autora Heloisa Toller<sup>26</sup> a chamá-las de “nova Cassandra”, segundo a mitologia Cassandra era aquela que tinha profecias mas

sempre ninguém acreditava nelas, mas mesmo assim demonstram sensibilidade e força para enfrentar o incerto, uma coragem que os homens que se consideravam “donos” desse mundo não tiveram.

### Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira: e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história e literatura*. 8 ed.. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.
- CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 3 ed., 3 volumes. São Paulo: Editora Difusora Européia do Livro, 1968.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, São Paulo: Editora Global, 2003.
- GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981.
- REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- REGO, José Lins. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 3 ed., 3 volumes. São Paulo: Editora Difusora Européia do Livro, 1968, p. 251.

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história e literatura*. 8 ed.. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002, p. 4.

<sup>3</sup> REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 241.

<sup>4</sup> *ibid.*, p. 74.

<sup>5</sup> GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981, p. 81.

<sup>6</sup> REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 303.

<sup>7</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, São Paulo: Editora Global, 2003, p.114 .

<sup>8</sup> REGO, José Lins. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 08.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>10</sup> REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p.73 .

<sup>11</sup> *ibid.*, p.205.

<sup>12</sup> REGO, José Lins. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 115.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 44-45 .

<sup>14</sup> COUTO, Domingos Loreto. *Desagravos de Brasil e glória de Pernambuco* apud FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, São Paulo: Editora Global, 2003, p.512 .

<sup>15</sup> REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 205.

<sup>16</sup> *Ibid.* , p. 43.

<sup>17</sup> *ibid.*, p. 205.

<sup>18</sup> *Ibid.* , p. 206-207.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>21</sup> GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981, p. 85.

<sup>22</sup> REGO, José Lins. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 251.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 262.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p.336.

<sup>26</sup> GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981, p. 95.